

volume

28/2

julho/2023

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Educação e História:

Pensar a educação a partir de uma perspectiva histórica



Hist. Rev. Pelotas Número 28/2 p.1-261 jul. 2023

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Rosane Maria dos Santos Brandão

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação
Histórica – Prof^{fa}. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,
Universidade de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de
Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEl)
Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de
Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do
Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de
La Pampa – AR)
Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Prof^a. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof^a. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Magda de Abreu Vicente
(FURG) | Caroline Braga Michel (FURG)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Aspecto de sala de aula do Colégio Agrícola
Visconde da Graça (1924) – acervo Profa. Dra. Magda de
Abreu Vicente

Pareceristas ad hoc:

Ariane dos Reis Duarte | André Luiz de Oliveira Fagundes |
Chéli Nunes Meira | Chris de Azevedo Ramil | Dione
Lihtnov | Estela Denise Schütz Brito | Estela Maris
Reinhardt Piedras | Fernando Cezar Ripe da Cruz | Filipi
Vieira Amorim | Itamaragiba Chaves Xavier | Jaqueline de
Gaspari Piotrowski | Jeane dos Santos Caldeira | Joseane
Cruz Monks | Lisiane Sias Manke | Lislaine Sirsi Cansi
| Lucas Grimaldi | Maria Augusta Martiarena | Paula Corrêa
Henning | Raquel Azambuja Santos | Rita de Cássia Grecco
dos Santos | Sabatha Catoia Dias | Wellington Freire
Machado | Valesca Brasil Costa

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2023/1

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso
| International Standard Serial Number | Worldcat |
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: ndh.ufpel@gmail.com



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: Educação e História: Pensar a educação a partir de uma perspectiva histórica) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.28, n.2, jul. 2023. – Pelotas: UFPel/NDH, 2023 – 261 p. ; 12,2MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Educação 3. Memória

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Magda de Abreu Vicente Caroline Braga Michel</i>	08
DOCÊNCIA FEMININA NO SÉCULO XIX: ENTRE CRÍTICAS, DENÚNCIAS, POLÊMICAS E REPRESÁLIAS FEMALE TEACHING IN THE 19TH CENTURY: CRITICISM, COMPLAINTS, POLEMICS AND REPRISALS <i>Eliane Peres</i>	15
A PRESENÇA DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL AGRÍCOLA NA CIDADE DE PELOTAS: UM RELATO DE PESQUISA THE WOMEN PRESENCE IN AGRICULTURAL PROFESSIONAL EDUCATION AT PELOTAS CITY: A SEARCH REPORT <i>Fabiola Mattos Pereira Angelita Soares Ribeiro</i>	38
O IR E VIR DA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA NO CURSO DA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA THE COMING AND GOING OF BRAZILIAN EDUCATIONAL LEGISLATION IN THE COURSE OF THE HISTORY OF TEACHER TRAINING OF PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION <i>Elisane Ortiz de Tunes Cristhianny Bento Barreiro</i>	56
BAÚ DE GUARDADOS: O ACERVO DOCUMENTAL DA PROFESSORA DE ARTE MARIA FRANCISCA MOREIRA (1960-2002) KEPT IN A TRUNK: THE DOCUMENTAL COLLECTION OF ART TEACHER MARIA FRANCISCA MOREIRA (1960-2002) COFRE DE GUARDIÃ: LA COLECCIÓN DOCUMENTAL DE LA MAESTRA DE ARTE MARIA FRANCISCA MOREIRA (1960-2002) <i>Jailson Valentim dos Santos</i>	80
IMPLEMENTAÇÃO DO ESTÁGIO NAS ESCOLAS REAIS: CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DE UM DESAFIO ESTRUTURAL DAS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES INTERNSHIP IMPLEMENTATION IN REAL SCHOOLS: A CONTRIBUTION TO THE HISTORY OF A STRUCTURAL CHALLENGE OF TEACHER TRAINING POLICIES <i>Valdeniza Maria Lopes da Barra</i>	96

- ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA NA PROVÍNCIA DO MARANHÃO: A IRMANDADE DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA (1850-1880)**
 CHILDCARE IN MARANHÃO PROVINCE: THE BROTHERHOOD OF SANTA CASA DE MISERICÓRDIA (1850-1880)
Rosyane de Moraes Martins Dutra 115
- LAS CONSTRUCCIONES DE GÉNERO Y EMOCIONALIDAD EN LAS INFANCIAS A TRAVÉS DE LOS TEXTOS DE LECTURA ESCOLAR. URUGUAY 1900-1930**
 THE CONSTRUCTIONS OF GENDER AND EMOTIONALITY IN CHILDHOOD THROUGH SCHOOL READING TEXTS. URUGUAY 1900-1930
Silvana Espiga | Paola Dogliotti 128
- A DIMENSÃO CLASSIFICATÓRIA EM GRUPOS ESCOLARES CAMPO-GRANDENSES (1958-1969)**
 THE CLASSIFICATORY DIMENSION IN SCHOOL GROUPS FROM CAMPO GRANDE (1958-1969)
Helen Caroline Valdez Monteiro 153
- CADA AGORA CONTÉM MUITOS ANTES E DEPOIS, CADA AQUI CONTÉM MUITOS ALIS: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORAS EM PERSPECTIVA HISTÓRICA**
 EACH NOW CONTAINS MANY BEFORES AND AFTERS, EACH HERE CONTAINS MANY THERES: TEACHER'S AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES IN HISTORICAL PERSPECTIVE
Miriã Lúcia Luiz | Bruna Mozini Subtil | Brunna Terra Marcelino | Mariana Dall Orto dos Santos 175
- O SILÊNCIO DOS MANUAIS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SOBRE A QUESTÃO RACIAL**
 THE SILENCE OF EDUCATIONAL HISTORY MANUALS ON THE RACIAL ISSUE
Joatan Nunes Machado Junior | Juliana Césarío Hamdan 200
- MEMÓRIAS DISCENTES SOBRE A CULTURA MATERIAL ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ELOS DE UM PERCURSO FORMATIVO**
 STUDENT MEMORIES ABOUT SCHOOL SUPPLIES CULTURE AND TEACHER TRAINING: LINKS IN A TRAINING PATH
 RECUERDOS ESTUDIANTELES SOBRE LA CULTURA MATERIAL ESCOLAR Y FORMACIÓN DOCENTE: ENLACES DE UN TRAYECTO DE FORMACIÓN
Caroline Braga Michel | Alessandra Amaral | Magda de Abreu Vicente 214

**A PROBLEMATIZAÇÃO DO USO DE COMENTÁRIOS E DESCRIÇÕES EM POSTS DA
INTERNET NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

THE PROBLEMATIZATION OF THE USE OF COMMENTS AND DESCRIPTIONS ON
INTERNET POSTS IN RESEARCH IN THE HISTORY OF EDUCATION

230

Maria Augusta Martiarena | Bruna Luiz dos Santos

**ARQUITETURA ESCOLAR: O PROJETO PADRÃO DE ARQUITETURA ECLÉTICA
PARA 500 ALUNOS NO RIO GRANDE DO SUL**

SCHOOL ARCHITECTURE: THE STANDARD DESIGN OF ECLECTIC ARCHITECTURE
FOR 500 STUDENTS IN RIO GRANDE DO SUL

245

Lisiê Kremer Cabral | José Henrique Carlucio Cordeiro

ARQUITETURA ESCOLAR: O PROJETO PADRÃO DE ARQUITETURA ECLÉTICA PARA 500 ALUNOS NO RIO GRANDE DO SUL

SCHOOL ARCHITECTURE: THE STANDARD DESIGN OF ECLECTIC ARCHITECTURE FOR 500 STUDENTS IN RIO GRANDE DO SUL

Lisiê Kremer Cabral¹

José Henrique Carlucio Cordeiro²

Resumo: No Rio Grande do Sul, nos anos de 1930, o engenheiro Pianca, realizou projetos de arquitetura padrão para instituições de ensino. Como parte de um programa de governo, o projeto para 500 alunos com a linguagem Eclética foi construído em diversas cidades do estado. Através de pesquisa bibliográfica, documental e visitas exploratórias esse artigo tem o objetivo de apresentar o contexto político, social e arquitetônico em que essas escolas estão relacionadas, apresentar o projeto arquitetônico utilizado para esses prédios padronizados e identificar quantas instituições foram construídas no estado. Foram identificados 15 prédios com esse padrão de 500 alunos e que o ambiente construído se vinculou ao discurso político, transformando o modelo educacional. A partir disso, tem-se o intuito de divulgar, documentar e preservar essas instituições de ensino.

Palavras-chave: Escolas Padrão, Arquitetura Escolar, História da Educação, Patrimônio Escolar.

Abstract: In Rio Grande do Sul, during the 1930s, engineer Pianca, carried out standard projects for teaching institutions. As part of a government program, the project for 500 students with Eclectic architecture was built in several cities in the state of Rio Grande do Sul. Through bibliographical and documentary research and exploratory visits, this article aims to present the political, social and architectural context in which these schools are related, verify the architectural design used for these standardized buildings and identify how many institutions were effectively executed in the state. Were identified 15 buildings with this standard of 500 students and that the built environment was linked to the political discourse, transforming the educational model. From this, the aim is to disseminate, document and preserve these educational institutions.

Keywords: Standard Schools, School Architecture, History of Education, School Heritage.

Introdução

As atividades escolares, até o final do século XIX, ocorriam em grande parte em edificações improvisadas, não sendo projetadas especificamente para o fim educacional. Com a valorização da educação, vinculada ao início da Primeira República, em 1889, os prédios escolares passaram a ser construções imponentes, ganhando relevância e destacando-se no entorno urbano. No entanto, ainda assim atendiam apenas a pequena parcela da população de maior capacidade financeira. A precariedade e a reduzida quantidade de escolas públicas

1 Lisiê Kremer Cabral é Doutoranda em arquitetura no Programa de Pós-graduação em Arquitetura (UFRGS) e atualmente conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UCPel/2015) é Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2020) – Email: lisikcabral@yahoo.com.br

2 José Henrique Carlucio Cordeiro é Mestre em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2022) e graduado em Engenharia Civil (FURG/2013) – Email: joseccordeiro@yahoo.com.br

e gratuitas ocasionaram o aumento do analfabetismo, o qual direcionou o Estado a buscar estratégias para ampliar o acesso da população à educação (FARIA FILHO, 1998; CARVALHO, 1989 *apud* DÓREA, 2000).

Ainda que no início do século XX tenham sido implementadas escolas serializadas no Rio Grande do Sul, havia, nos anos de 1930, a necessidade de construção de novos prédios escolares, junto às inovações relacionadas à saúde pública. O engenheiro João Baptista Pianca realizou um projeto padrão de arquitetura Eclética para instituições de ensino, com capacidade para atender 500 alunos. Esse projeto padrão, em que é aplicada a mesma planta e fachada, foi replicado de maneira idêntica em diferentes cidades do Rio Grande do Sul. Atendendo às necessidades específicas da época, essas edificações possuem elementos que propiciaram a disseminação de condutas orientadas pelo Estado, seja de caráter higiênico, sanitário ou moral e cívico (CABRAL, 2020).

Esse trabalho, vinculado à dissertação de mestrado de Cabral (2020) e à tese que está sendo elaborada pela autora, tem por objetivos (i) apresentar o contexto histórico em que as escolas de projeto padrão para 500 alunos com arquitetura Eclética foram implementados no Rio Grande do Sul, (ii) apresentar os projetos dessas instituições escolares idealizadas por Pianca durante a década de 1930 e (iii) identificar quantos prédios escolares pertencentes a esse padrão foram edificados no estado gaúcho.

A metodologia utilizada nesse artigo será realizada através de pesquisa bibliográfica, documental e visitas exploratórias na escola estudo de caso. A partir dessas ferramentas pretende-se compreender o contexto de implementação desses prédios de ensino, qual foi o programa e a linguagem arquitetônica desenvolvido para o projeto padrão para 500 alunos com linguagem Eclética, e quantos prédios, com as mesmas características formais e construtivas, foram efetivamente construídos. Assim, de maneira conjunta, intenta-se divulgar, documentar e preservar esses bens materiais de caráter sociocultural que fazem parte da cultura escolar.

O contexto social, higienista e arquitetônico do projeto padrão de arquitetura Eclética para 500 alunos

A maioria das edificações escolares no Brasil, até a Primeira República (1889-1930) eram inseridas em construções improvisadas, as quais não atendiam de maneira plena as necessidades para o uso educacional (KOWALTOWSKI, 2013). A visão à época é que uma sociedade com sua economia fundamentada na agropecuária não necessitaria de alfabetização para as massas. Contudo, a partir do desenvolvimento industrial do país na Primeira República, a democratização do ensino se tornou pauta comum a um número maior de brasileiros que demandavam a qualificação de mão de obra (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007), de modo que a educação passou a ser percebida como instrumento de progresso, o que provocou mudanças na forma do espaço e em como ele era utilizado (DÓREA, 2000).

De acordo com Faria Filho (1998), ainda que os programas educacionais não tenham tido alterações muito impactantes na mudança entre os séculos XIX e XX, ocorreu o surgimento de um espaço específico e exclusivo para a prática do ensino/aprendizagem, o que, conforme o autor, foi a mudança mais significativa na educação nos anos iniciais da Primeira República. Esses espaços foram chamados de escolas seriadas, conhecidas principalmente como Grupos Escolares, e eram projetados com os critérios de conforto e higiene da época.

A nova ideologia republicana pôs o prédio escolar como instrumento fundamental ao progresso da nação, tornando-a referência geográfica no meio urbano. Essas novas instituições representaram a materialização da escola, influenciando o modo como a população interagia, pensava e se comunicava. Nesse contexto, as classes mais pobres da população começaram a ter acesso à cultura e à educação, ainda que de modo limitado (FARIA FILHO, 1998).

A arquitetura dessas instituições (Imagem 01) destacava-se do entorno, podendo ser caracterizada como Eclética, com simetria, monumentalidade, pé-direito elevado, presença de escadarias e ênfase do acesso principal (KOWALTOWSKI, 2013). Essas escolas, além da educação, visavam o controle e a disciplina dos alunos, não só através da construção rígida e monumental, mas também pela forma do posicionamento das classes e dos professores, do mobiliário e do elevado nível de vigilância imposta aos estudantes (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007). Conforme Oliveira (2007), os projetos para prédios escolares eram elaborados considerando eixos organizacionais, com tipologia em U ou H e formação de pátio interno.

Imagem 01: Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção, Pelotas.



Fonte: Página Olhares sobre Pelotas, disponível em <https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas/posts/2431048560335668/>. Acesso em: março, 2023.

O programa arquitetônico dessas instituições, comumente dividido em dois pavimentos, era definido pela quantidade de salas de aula contempladas na edificação. Eram previstas salas de aula e ambientes administrativos, além dos sanitários e da observância da divisão do espaço entre meninos e meninas (AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007; KOWALTOWSKI, 2013).

Os prédios escolares passaram a apresentar diretrizes de caráter higienista, que acabariam sendo disseminadas para a população (ERMEL, 2017). Aproximando-se das questões higiênicas, as instituições de ensino começaram a valorizar a existência de amplos pátios externos e de recuos em relação aos limites do lote, presença de porões, iluminação e ventilação natural. Dessa maneira, considerando a saúde física e mental, as edificações de ensino direcionaram -se a uma nova tipologia construtiva (VIANA, 2011).

Faria Filho (1998) destaca os amplos pátios externos e os muros das novas edificações escolares. Enquanto os muros permitiram a delimitação do que está dentro e fora da escola, os pátios e recuos criaram um ambiente de transição comportamental, baseada nessa delimitação. Esses elementos permitiram a diferenciação entre os comportamentos interno e externo à escola. Além disso, os pátios também propiciaram uma possibilidade de apresentação à comunidade da conduta dos estudantes (FARIA FILHO, 1998; FRAGO; ESCOLANO, 2001).

Através da monumentalidade da edificação escolar e da compreensão da escola como modelo físico e simbólico a ser seguido, os Grupos Escolares tornaram-se representantes da modernidade republicana, moldando comportamentos e condutas dentro e fora de seus limites (DÓREA, 2000; FARIA FILHO, 1998).

As escolas seriadas, que no Rio Grande do Sul foram conhecidas também como Colégios Elementares, passaram a ser implementadas no estado gaúcho a partir de 1909, com o decreto nº 1479 (LUCHESE, 2016). Até 1928, alguns dos Colégios Elementares possuíam instalações precárias, por causa da escassez de recursos voltados à educação. No entanto, com o governo estadual de Getúlio Vargas, nesse mesmo ano, essa situação mudou para melhor e começaram a ser implementadas as Escolas Complementares, voltadas à formação docente, e a demanda por professores qualificados passou a ser mais bem atendida (LOURO, 1986; SÁ; WERLE, 2016).

Ainda em 1928, foi realizado um concurso para projetos escolares, com a especificação de algumas diretrizes para a quantidade de salas de aula e para a capacidade de estudantes. O programa de necessidades deveria contemplar espaços para biblioteca, museu didático, consultório médico-dentário, administração, salão de solenidade e banheiro. As edificações teriam porte variável conforme a demanda atendida, variando entre 250, 300, 350, 400, 450, 500, 550, 600, 800 e 1.000 alunos (ERMEL, 2017).

Os projetos que resultaram do concurso foram realizados pelo engenheiro João Baptista Pianca, que se formou no ano de 1915 pela Escola de Engenharia de Porto Alegre e, a partir de 1919, trabalhou na Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul realizando projetos escolares para o estado (WEIMER, 2004). O engenheiro foi intendente do município de Bento Gonçalves de 1924 a 1928 e durante seu mandato propôs melhorias aos projetos para escolas rurais, posteriormente utilizados pela Secretaria de Obras Públicas, como divisória entre a escola e a moradia do professor, janelas envidraçadas e caiação interna das paredes (LUCHESE; KREUTZ, 2012).

Entre os anos de 1928 e 1929, no governo de Vargas no Rio Grande do Sul, os serviços de saúde pública ganharam relevância e foram reformados. Através de ações como a inspeção médico escolar, em instituições de ensino municipais e estaduais, para prevenção de doenças e fiscalização da limpeza das edificações houve uma aproximação da escola com as questões higiênicas (ALVES, 2011). Com a criação do Ministério da Educação e Saúde, em 1930, o sistema de ensino foi remodelado, com a ideia de sanar os problemas sanitários e educacionais, enaltecendo o significado da instituição escolar como referência de progresso, nacionalismo e modernidade (SCHWARTZMAN, 1982; AZEVEDO; BASTOS; BLOWER, 2007).

Essas medidas sanitárias foram ampliadas ao longo dos anos, sendo em 1935, na Constituição Estadual, obrigatória a inspeção médico-escolar e a promoção do ensino individual para crianças sobre consciência sanitária. Com o intuito de conservar o ambiente de ensino e o aprendizado, professores, funcionários e estudantes poderiam ter acesso aos serviços de higiene escolar como assistência dentária, vacinação e exames de visão e audição

(ALVES, 2011).

A partir dos conceitos de higiene e conforto, o programa escolar passou a contar com novos espaços para salas médicas e odontológicas, educadora sanitária, vestiários, biblioteca, ginásio e auditório (OLIVEIRA, 2007). Foi apontada a recomendação de projetos com plantas em L, E ou Z, com forma unilateral para as salas de aula, priorizando o melhor posicionamento solar. As janelas deveriam ser altas, com curto espaço entre esquadrias, reduzindo a possibilidade de sombreamento interno (GOLDFARB; TINEM, 2017).

As instituições com projeto padrão para 500 alunos com arquitetura Eclética idealizadas pelo engenheiro Pianca na década de 1930 foram projetadas considerando o contexto de inovações da saúde pública, mas também visando o nacionalismo, a modernidade e ao desenvolvimento da população enquanto nação. A partir de diretrizes construtivas as edificações escolares possuíam o intuito de educar os estudantes reduzindo problemas relacionados à falta de higiene. O prédio educacional, o ensino e as políticas públicas disseminaram ideais higienistas, que podem ser observados na construção, por meio da existência de recuos, quantidade de esquadrias e de ambientes para atendimento médico-dentário, e no currículo através das inspeções médicas e educadoras sanitárias (CABRAL, CORDEIRO, OLIVEIRA, 2021).

Os projetos padrão foram utilizados com a intenção de promover economia e agilidade às construções, porém tornaram-se símbolos de uma época, estando relacionados a questões educacionais, sociais e políticas (KOWALTOWSKI, 2013). A partir de um programa de necessidades prefixado o projeto arquitetônico é definido e replicado em diferentes localidades, denominando-se projeto padrão ou projeto modelo (FRAMPTON, 2003)

Quando o prédio escolar se encontra relacionado a esses temas mencionados existe a possibilidade de ocorrer o direcionamento do comportamento das pessoas que o habitam, seja através da organização, formas e dimensões dos espaços ou do método pedagógico (FOURQUET; MURARD, 1978). Conforme Foucault (2018, p.144) a escola torna-se uma “máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar”.

[...] a localização da escola, sua inserção na arquitetura urbana, o traçado do prédio, os elementos simbólicos e os aspectos decorativos internos/externos explicitam valores culturais/pedagógicos que determinam normas que interferem no que o educando interioriza e aprende. É, portanto, enquanto espaço escolar, construção histórico-cultural (LOMBARDI; NASCIMENTO, 2004, p. 221).

Por meio de símbolos materiais e imateriais, que consolidam a cultura escolar, podem ser identificados os métodos de controle e poder empregues nas instituições de ensino (ESCOLANO, 2017), como exemplo a delimitação de horários e a organização em séries, além dos aspectos construtivos já mencionados. As escolas, enquanto equipamentos coletivos, de maneira inconsciente estabelecem uma unidade racional, representando e configurando ideais sociais e políticos. Citando Fourquet e Murard, (1978, pg. 118) “A

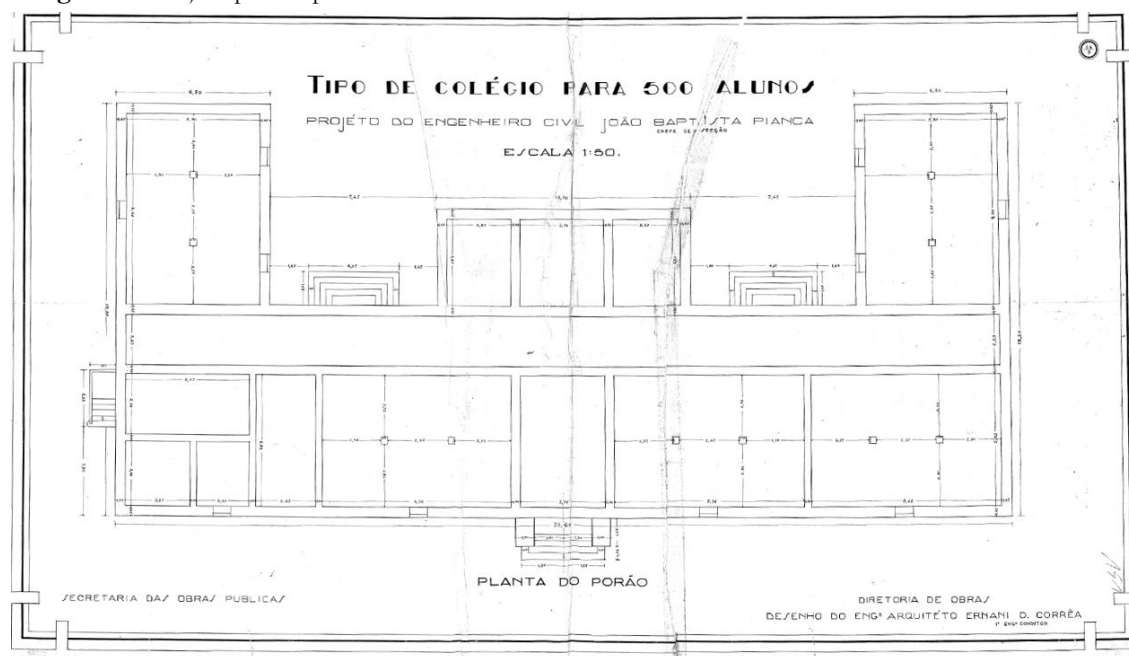
educação produz produtores, produz consumidores e ao mesmo tempo, normaliza, classifica, divide, impõe regras e indica o limite do patológico”.

O projeto padrão de arquitetura Eclética para 500 alunos

O projeto para escolas padrão de arquitetura Eclética para 500 alunos foi pensado pelo engenheiro Pianca durante a década de 1930 e foi replicado em diferentes cidades do estado gaúcho. Essas instituições, considerando as inovações higiênicas e as diretrizes impostas ao programa escolar, com um novo partido arquitetônico, contam com iluminação e ventilação natural e ambientes para educação sanitária e gabinete médico-dentário.

A autoria desses projetos, até então desconhecida, foi atribuída ao Pianca por meio da existência de uma prancha com projeto o arquitetônico do porão para tipo de colégio para 500 alunos assinado pelo engenheiro (Imagem 02). Esse documento, encontrado na Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, no ano de 2018, não contém informações de data e localização. Ainda em material compartilhado pela SOP, do ano de 2021, foram descobertas plantas com projeto hidrossanitário para o Colégio de Jaguary, abastecimento de água do Colégio Carasinho, do ano de 1936, alicerces do Colégio de Encruzilhada e casa de bombas do Colégio de Taquary.

Imagem 02: Projeto padrão para 500 alunos.



Fonte: Acervo da Mapoteca da Diretoria de Obras Públicas/RS. Acesso em: maio, 2018.

A partir do material bibliográfico, documental e buscas on-line foram identificadas 15 instituições, no estado do Rio Grande do Sul, pertencentes a esse mesmo projeto padrão, sendo elas: Escola Manoel Vicente do Amaral (1936), em Santa Vitória do Palmar; Escola Estadual Princesa Isabel, em Carazinho; Escola Estadual de Ensino Fundamental Alberto Pasqualini, em Júlio de Castilhos; Escola Barbosa Rodrigues, em Gravataí; Escola Delfina Dias Ferraz, em Montenegro; Escola Estadual de Ensino Médio Estado de Goiás, em Santa Cruz do Sul; Escola Estadual Padre Efreim (1936), em Vacaria; Escola Estadual Presidente Vargas, em Caxias do Sul; Escola Rodolfo Von Ihering (1936), em Taquara; Grupo Escolar General Osório (1936), em Osório; Instituto Estadual de Educação Bernardino Ângelo (1936), em Dom Pedrito; Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, em Piratini; Escola Borges de Medeiros, em Encruzilhada; Grupo Escolar Onofre Pires (1938), em Santo Ângelo e Colégio Estadual de Ensino Fundamental General Bento Gonçalves (1936), em Bento Gonçalves (Imagem 03).

Imagem 03: Mapa do Rio Grande do Sul com a localização dos projetos padrão para 500 alunos.



Fonte: Esquema dos autores, 2023.

Entre os exemplares mencionados, encontra-se o Grupo Escolar Ponche Verde, inaugurado em 1936, localizado no centro histórico da cidade de Piratini/RS, em um lote de esquina entre a Av. Gomes Jardim e a Rua General Canabarro. Denominada como Grupo Escolar da Villa de Piratiny a instituição de ensino iniciou suas atividades em 1926, atendendo em edificação improvisada conhecida como Antiga Casa Fabião, antes de ser transferida ao prédio com projeto de Pianca. A escola, por seu grande porte, quando comparada as edificações existentes ao seu entorno, tornou-se um ponto de referência para a população do município (Imagem 04). Na época da sua construção transmitia a sensação de ser “[...] uma estrutura capaz de comportar mais estudantes do que todos os moradores da Vila de Piratini” (PASSOS, 2010, p.35).

Imagem 04: Escola Ponche Verde, 1936, Piratini/RS.



Fonte: Acervo da escola. Acesso em: agosto, 2021.

No ano de 1953, conforme o decreto nº 3.885 foi criado o curso de formação docente, e um ano após a instituição passou a chamar-se Escola Normal Regional Ponche Verde, contando com festividades com música e refeição (PASSOS, 2010). No livro “Memórias da Alfabetização” um estudante da escola fez o seguinte relato, que evidencia o sentimento de contemplação que a edificação proporciona:

Em 1984, eu cheguei para meu primeiro dia de aula da Escola Estadual de 1º e 2º graus Ponche Verde. Ora, eu, guri interiorano, nas poucas vezes que ia à cidade, namorava aquele prédio grande, de dois andares que parecia sempre tão longe de mim, afinal naquele tempo a distância cultural entre cidade e campo era muito grande... (LIMA, 2007, p. 227).

Conforme mencionado no jornal Diário Popular de 1º de julho de 1986, um incêndio, de causas desconhecidas, iniciado na cozinha da escola, em uma noite de sábado, destruiu parte da edificação escolar mesmo com o apoio de bombeiros. O fato trouxe descontentamento à população pois “[...] além de ser o principal estabelecimento de ensino da cidade também ocupava um dos prédios mais antigos” (DIÁRIO POPULAR, 1986). Posteriormente, em 2015, algumas salas de aula da escola foram interditadas em função de risco de desabamento da cobertura (DIÁRIO POPULAR, 2015). Sabe-se que a edificação passou por manutenções e reformas, como o conserto da rede elétrica e a da cobertura, ambas no ano de 2018.

Em agosto de 2021 foi realizada pesquisa *in loco* na Escola Ponche Verde, momento em que ainda estavam acontecendo aulas mistas, presenciais e à distância, devido à Pandemia de Covid-19. Durante a visita foi observado que o prédio da instituição se encontrava em bom estado de conservação e mantinha as suas principais características desde a sua inauguração. Além disso, teve-se acesso ao acervo da instituição, o qual de maneira organizada dispõe de documentos e fotografias, preservando a memória escolar. Destaca-se a relevância dessa instituição de ensino para a população de Piratini, a qual está presente no cotidiano dos alunos e professores, durante festividades culturais (Imagem 05), marcando momentos e memórias coletivas.

Imagem 05: Desfile Semana da Pátria, 1971, Piratini/RS.



Fonte: Acervo da escola. Acesso em: agosto, 2021.

A escola, atualmente conhecida como Escola Estadual de Ensino Médio Ponche Verde, encontra-se a três quadras da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, a uma quadra da demarcação da Linha Farroupilha e dentro da área do centro histórico da cidade, que possui 15 bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE).

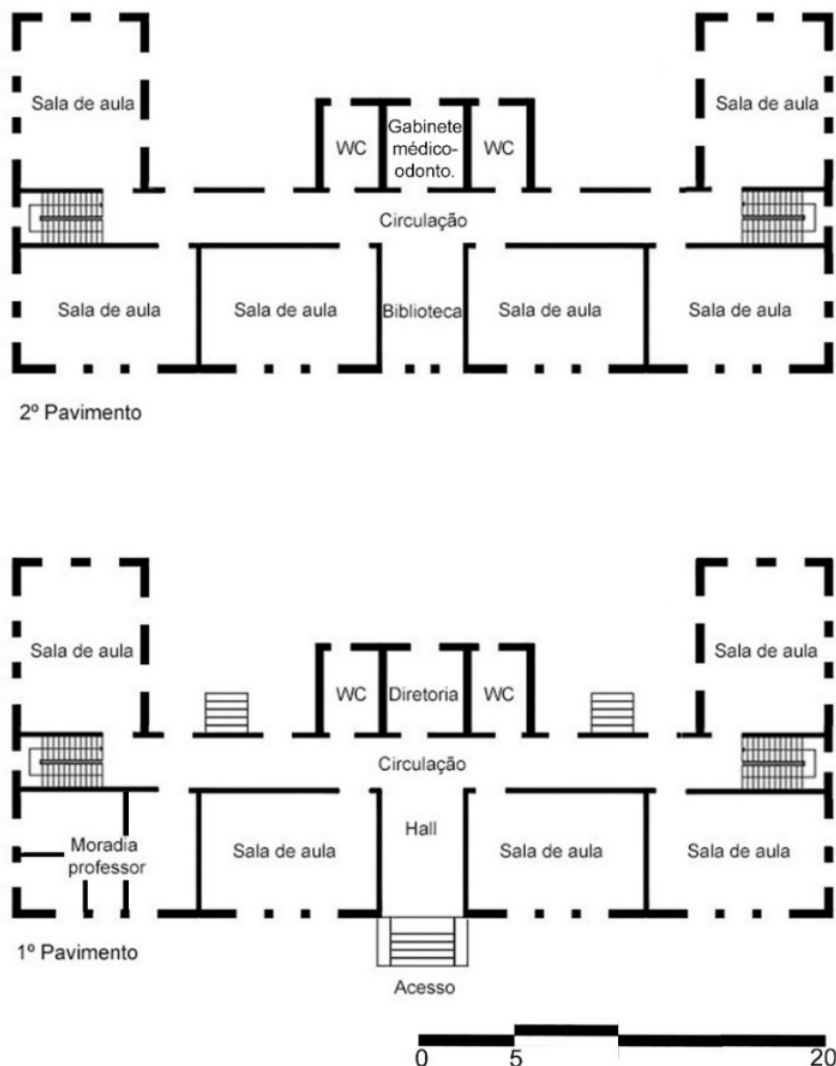
Foi apresentada parte do histórico dessa instituição com o intuito de contextualizar o processo educacional, social e arquitetônico dessas escolas que são parte de um projeto padrão. A escola Ponche Verde está localizada em um centro histórico e, apesar de ter sofrido com incêndios e faltas de manutenções, ainda tenta preservar parte de suas características originais, com a existência de um rico acervo próprio.

O programa das escolas com projeto padrão para 500 alunos

O programa de necessidades dessas instituições foi dividido em dois pavimentos e os ambientes foram organizados ao longo de um amplo corredor horizontal, permitindo a configuração de planta em forma de E. No primeiro pavimento estão dispostos espaços para

hall de entrada, moradia do professor, composta por dois dormitórios, sala de jantar, sanitário e cozinha, cinco salas de aula, dois sanitários, sendo um abaixo da escada, e sala de direção. No segundo andar existem as áreas de seis salas de aula, dois sanitários, biblioteca e gabinete médico dentário. Observa-se a relevância de algumas áreas, como o hall de entrada, a biblioteca e o gabinete médico-dentário (Imagem 04).

Imagem 06: Planta dos pavimentos do projeto padrão para 500 alunos.



Fonte: Desenho das plantas 5º CROP, esquema dos autores, 2023.

Nota-se que um espaço destinado à moradia de professores tinha o intuito de reduzir a carência de docentes, tornando possível a mudança do educador para a cidade em que a escola estava inserida. Como essas instituições escolares foram implementadas em regiões afastadas da capital, a união entre os espaços de trabalho e de moradia foi uma estratégia para a redução de custos e para a disponibilidade de professores.

Algumas edificações, para adaptarem-se a desníveis do terreno, eram elevadas em partes do prédio, contando com a construção de ambientes no subsolo, como exemplo do Colégio Estadual de Ensino Fundamental General Bento Gonçalves que conta com três salas distribuídas nesse nível.

As fachadas principais das escolas para 500 alunos, com referências ao ecletismo, possuem ênfase do acesso principal, através de colunas e frontão com o brasão do Rio Grande do Sul e a frase em latim “*Labor Omnia Vincit*” (Imagem 05). O projeto em elevação, com simetria de eixo, conta com janelas em grupo de três, esquadria vertical próxima as escadarias, floreiras, frisos horizontais e cobertura aparente com telhado cerâmico e beiral. Nota-se a divisão do volume dos prédios em três partes, base, na marcação do porão e das gateiras, corpo, por meio do bloco central da construção, e coroamento, no telhado aparente.

Imagem 07: Fachada do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, em Piratini (ES), da Escola Estadual de Ensino Médio Estado de Goiás, em Santa Cruz do Sul (EI) e do Colégio Estadual de Ensino Fundamental General Bento Gonçalves, em Bento Gonçalves (D).

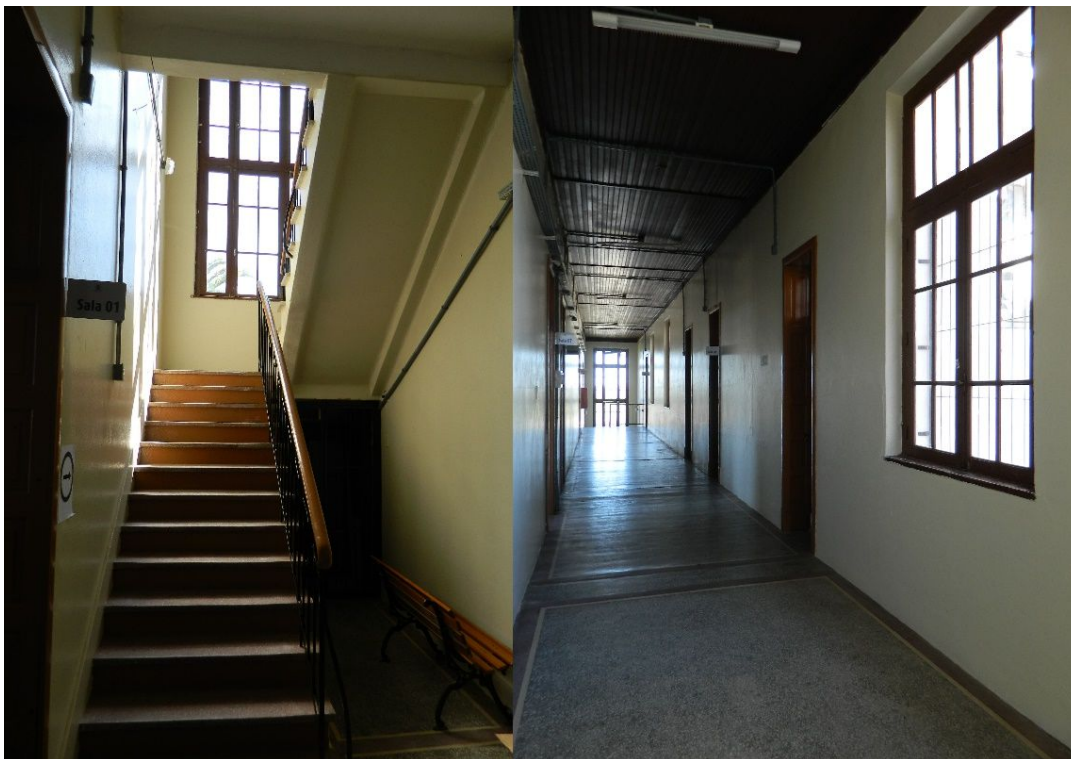


Fonte: Acervo dos autores.

As esquadrias dos prédios foram propostas em madeira, sendo maioria de abrir com bandeira móvel. As portas dos acessos principais destacam-se por apresentar parte em

madeira decorada e parte com vidros. Os pisos dos halls, das circulações e dos sanitários é em pedra granitina, podendo ter acabamento com figuras geométricas, enquanto o revestimento de piso utilizado nas salas de aula e nos espaços administrativos foi tábua corrida de madeira. O forro é de madeira e os corrimãos são com estrutura de ferro e detalhe em madeira (Imagem 06).

Imagem 08: Imagens internas da escada e da circulação do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, em Piratini.



Fonte: Acervo dos autores, 2021.

Observa-se que parte dos quesitos higiênicos introduzidos durante a década de 1930 ainda nos dias de hoje podem ser encontrados na edificação escolar, como exemplo da grande quantidade de esquadrias, variando entre três, cinco e sete janelas por ambiente.

Comparando os Grupos Escolares anteriores ao projeto padrão de arquitetura Eclética para 500 alunos, no Rio Grande do Sul, com o projeto de Pianca percebe-se que a linguagem arquitetônica, a monumentalidade da edificação, a clara distinção entre o que está dentro e o que está fora da edificação foram mantidas. Contudo, as inovações higienistas e sanitárias do novo programa escolar traz uma diferenciação para as edificações de Pianca, uma vez que esses ambientes estão em posição de destaque no projeto arquitetônico e agregam potência ao discurso político-pedagógico da época.

Considerações finais

As escolas com projeto padrão para 500 alunos com arquitetura Eclética, idealizadas dentro de um contexto social e político, materializam, através da edificação e do currículo, formas de vigilância e controle da população, seja pelos aspectos higiênicos, sanitários, arquitetônicos ou pedagógicos. O engenheiro João Baptista Pianca, que se formou no ano de 1915 pela Escola de Engenharia de Porto Alegre, enquanto funcionário da Secretária de Obras Públicas do estado, foi o responsável por esses projetos, realizados na década de 1930, colocando em prática os ideais do governo.

Foram identificadas, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e buscas on-line 15 instituições de ensino pertencentes ao projeto padrão para 500 alunos disseminadas pelo estado. Essas edificações, com características idênticas na implantação livre, partido em E e estilo arquitetônico Eclético, possuem uma pequena variação no programa, apenas quando existe desnível topográfico no terreno, ocorrendo a inserção de salas no pavimento do subsolo.

O prédio educacional, devido às inovações da época e demandas higienistas e sanitárias, adotou novo partido construtivo, afastou-se dos limites do lote, recebeu maior quantidade de esquadrias e passou a contar com salas para uso médico-odontológico. O currículo também foi adaptado às novas diretrizes, dispondo de educadoras sanitárias, da possibilidade de realização de exames e aplicação de vacinas. O ambiente escolar transformou-se para atender as novas exigências sanitárias e, dessa maneira, poderia transmitir um novo modelo educacional para as comunidades.

No entanto, a utilização desses dispositivos também propiciou uma forma de controle e vigilância da população. Se por um lado as construções escolares passaram a atender critérios sanitários que anteriormente não eram atendidos, ainda serviam para a população como um modelo de conduta a ser seguido. De modo que o entendimento da escola como ferramenta de progresso, originado no início da Primeira República, foi ampliado, passando a ser entendida como ferramenta de modernização, nacionalização e padronização da nação brasileira.

Referências

ALVES, Gabrielle W. **Políticas de saúde pública no Rio Grande do Sul: continuidades e transformações na era Vargas (1928-1945)**. 2011. 216 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2372/1/430450.pdf>

AZEVEDO, Giselle A. N.; BASTOS, L. E. G.; BLOWER, H. S. Escolas de ontem, educação hoje: é possível atualizar usos em projetos padronizados? *In*: III Seminário Projetar, Porto Alegre, RS, 2007. **Anais [...]**. Porto Alegre: 2007. 17 p. Disponível em: http://www.gae.fau.ufrj.br/assets/escola_ontem_edu_hj_gana_leo_hsb.pdf

CABRAL, L. K. **Arquitetura Art Déco nas escolas do Rio Grande do Sul no período do**

- Estado Novo (1930-1950)**. 2020. 207 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). PROGRAU, Pelotas, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1NuYxlDsqktLj8IgxR3bgZCJsFj2ymoyQ/view>
- CABRAL, L. K.; CORDEIRO, J. H. C.; OLIVEIRA, A. L. C.** Escolas com Projeto Padrão de 1930 em Contexto de Pandemia. In: 3º Congresso Internacional de Cidadania, Espaço Público e Território, 2021, 4Events: Pelotas. Anais do 3º Congresso Internacional de Cidadania, Espaço Público e Território, 2021. v. 1. p. 420-425.
- DIÁRIO POPULAR. **Incêndio destrói um prédio escolar de Piratini**. Pelotas. 1º de julho de 1986.
- DIÁRIO POPULAR. **Escola de Piratini tem interdição parcial**. Pelotas. 27 de novembro de 2015. Pelotas.
- DÓREA, Célia R. D. Anísio Teixeira e a Arquitetura Escolar: Planejando escolas, construindo sonhos. **Revista da FAEEBA**. nº 13. Ibicit - Biblioteca Virtual Anísio Teixeira. Salvador, 2000. p.151-160. Disponível em: <http://www.bvanisio Teixeira.ufba.br/artigos/dorea.html>.
- ERMEL, Tatiane F. **Arquitetura escolar e patrimônio histórico-educativo: os edifícios para a escola primária pública no Rio Grande do Sul (1907-1928)**. 2017. 343 f. Tese (Doutorado em Educação). PUCRS, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7337#preview-link0>.
- ESCOLANO, Agustín. **A escola como cultura**. São Paulo: Alínea, 2017.
- FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A. 2. Ed. 2001. 152 p.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 141-159, Jan, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100010&lng=en&nrm=iso.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 42 ed. 2014. 6 reimp. 2018.
- FOURQUET, François; MURARD, Lion. **Los equipamientos del poder: Cidades, territórios y equipamientos colectivos**. Barcelona: Gustavo Gili, S.A., 1978.
- FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003, 470p.
- GOLDFARB, Marina; TINEM, Nelci. Índícios da modernização da arquitetura escolar na década de 1930 em manuais de obras públicas. In: 5º Seminário Ibero-americano de Arquitetura e Documentação. **Anais [...]** Belo Horizonte, 2017. 16 p. Disponível em: <https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/71633.pdf>.
- KOWALTOWSKI, Doris C.C.K. **Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de textos. 1ª reimpressão, 2013. 272 p.

LIMA, Rosimeire S. de. Da Zona Rural à Trajetória de Poeta, Radialista, Advogado e Vereador em Piratini (RS): Juarez Machado de Farias, uma liderança local. In: PERES, Eliane (Org). **Memórias de Alfabetização**. Pelotas: Seiva, 2007. p. 217- 230.

LOMBARDI, C. J.; NASCIMENTO, M. I. (org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Ponta Grossa: UEPG, 2004. 226 p.

LOURO. Guaciara L. **História, Educação e Sociedade no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Revista Educação e Realidade, cadernos de educação e realidade, nº 1, 1986. 48 p.

LUCHESE. Terciane A.; KREUTZ, Lúcio. Das escolas de improviso as escolas planejadas: um olhar sobre os espaços escolares da região colonial italiana, Rio Grande do Sul. **Revista brasileira de educação**. vol.12, nº 2 (29). São Paulo, 2012. p. 45-76. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/viewFile/38787/20316>.

LUCHESE, Terciane A. De Colégio Elementar de Caxias para Colégio Elementar José Bonifácio (caxias/RS, 1912-1929): “um impulso estupendo à instrução”. In: GRAZZIONTIN, Luciane S. S.; ALMEIDA, Dóris B. (org.). **Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar - séculos XIX e XX**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2016, p. 82-109.

OLIVEIRA, Fabiana V. **Arquitetura escolar paulista nos anos 30**. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em arquitetura) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-20052010-152808/pt-br.php>.

PASSOS, A. A. **O corpo, a educação física e o Curso Normal Regional: memórias do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde – Piratini/RS**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Pelotas, 2010. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1831>. Acesso em: jun. 2021.

SÁ, Jauri S.; WERLE, Flavia O. C. Presságios da modernidade na arquitetura escolar gaúcha: o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo (1946-1966). In: GRAZZIONTIN, Luciane S. S.; ALMEIDA, Dóris B. (org.). **Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar - séculos XIX e XX**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2016, p. 214-235.

SCHWARTZMAN, Simon. **Estado Novo, um Auto-retrato** (Arquivo Gustavo Capanema). Distrito Federal: Coleção Temas Brasileiros, Universidade de Brasília, vol. 24. 1982. 620 p.

VIANA, Alice O. **A persistência dos rastros: manifestações do art déco na arquitetura de Florianópolis**. Santa Catarina: UDESC, 2011.

WEIMER. Gunter. **Arquitetos e Construtores no RS 1892-1945**. Santa Maria: Editora UFSM, 2004. 207 p.